

THORZINHO

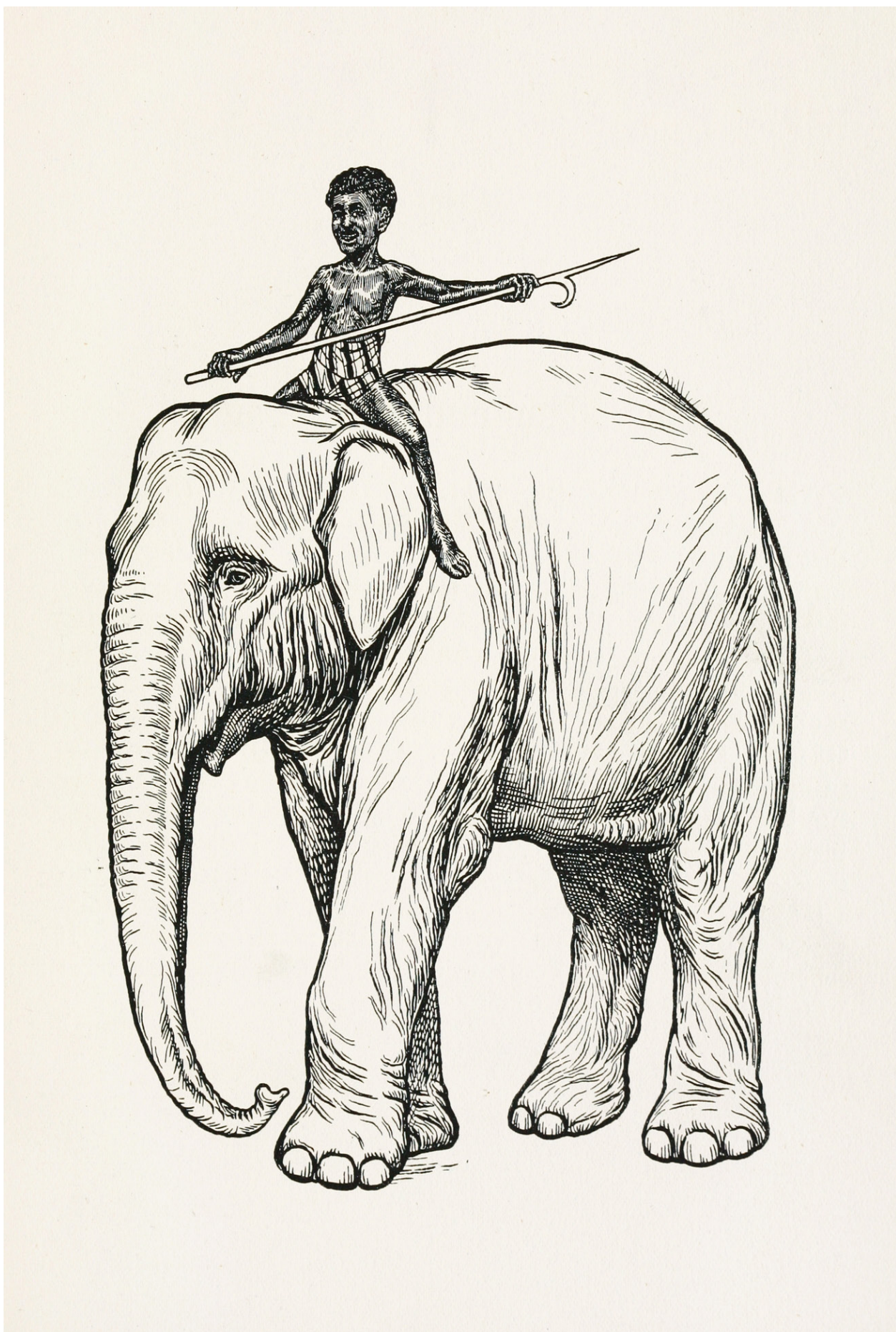
Revista Literária

ISSN 3086-3961

Volume I – Núm. 06 – 05 de julho de 2026



Crônicas - Página 09



Palavras aos leitores e às leitoras

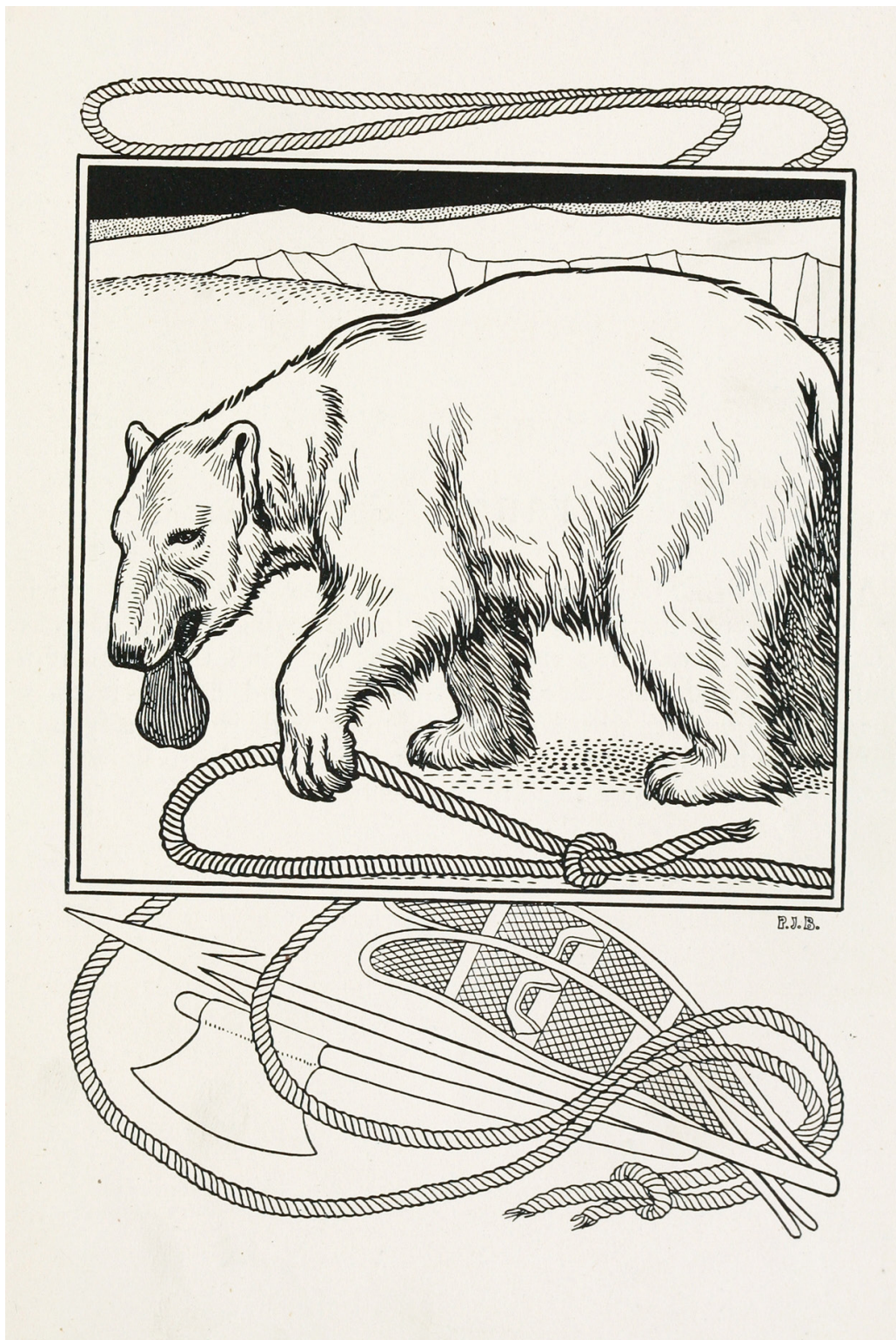
A cada nova edição da Revista Thorzinho, nosso coração se enche de gratidão. Esta revista existe graças à generosidade de pessoas que acreditam que a literatura pode ser uma ponte entre o ser humano, os animais e a natureza. Por isso, queremos agradecer profundamente a todos os nossos colaboradores, que mais uma vez atenderam ao nosso chamado de amor, respeito e cuidado com todas as formas de vida.

Cada texto recebido é uma semente lançada em solo fértil. São palavras que sensibilizam, despertam consciências, promovem empatia e nos lembram que os animais não são seres invisíveis. Eles sentem, amam, sofrem, esperam e compartilham conosco este planeta que chamamos de lar. Através da escrita, nossos colaboradores ajudam a construir um mundo mais gentil, mais justo e mais compassivo.

Também queremos agradecer aos nossos leitores, que caminham conosco edição após edição. Vocês são a razão de continuarmos acreditando neste projeto. Cada mensagem recebida, cada comentário carinhoso e cada demonstração de apoio nos lembra que não estamos sozinhos. Existe uma rede de pessoas que acredita no afeto como forma de transformação e no cuidado como caminho para uma sociedade melhor.

Com carinho e gratidão,

As editoras



Contos

A Árvore que Ensinou aos Homens

Ariane de Medeiros Pereira

Havia uma estrada de terra batida que parecia ter sido desenhada pela própria natureza. Não era larga, nem apressada. Era dessas estradas que convidam os passos a desacelerarem, permitindo que os olhos descobrissem detalhes que o tempo costuma esconder.

Quem por ali passava inevitavelmente interrompia a caminhada diante de uma árvore majestosa.

Era antiga, mas não velha. Seu tronco guardava as marcas de muitos invernos, enquanto seus galhos pareciam abraçar o céu. Na primavera, sua copa transformava-se em um espetáculo de verdes profundos e frutos rosados, tão doces que bastava um deles para adoçar a memória de qualquer viajante.

Mas sua maior riqueza nunca foram os frutos.

Em seus galhos viviam dezenas de pássaros. Alguns chegavam apenas para descansar durante as migrações; outros haviam construído ali seus ninhos, onde novos cantos nasciam a cada estação. Abelhas faziam morada entre as flores, esquilos escondiam sementes entre as raízes, pequenos insetos encontravam abrigo sob sua casca, enquanto as sombras projetadas pela copa refrescavam homens, mulheres, crianças e animais que cruzavam a estrada.

A árvore não era apenas uma árvore.

Era uma comunidade inteira.

Todos os amanheceres começavam da mesma forma. Os pássaros despertavam antes do sol e, em um coro espontâneo, pareciam agradecer por mais um dia de abrigo. O vento dançava entre as folhas, espalhando o perfume das flores pelos campos vizinhos.

Até que, numa manhã, o silêncio chegou antes dos pássaros.

Homens vestidos com roupas brilhantes fincaram estacas no chão. Mediram distâncias, desenharam linhas invisíveis e foram embora sem sequer olhar para a árvore.

Poucos dias depois, espalhou-se a notícia.

Ali passaria uma grande rodovia.

Os caminhões substituiriam o canto dos sabiás. O asfalto cobriria a terra. A árvore seria derrubada para abrir espaço ao progresso.

Naquela noite, o vento parecia soprar mais devagar.

As folhas tremiam.

As corujas permaneceram caladas.

Os pequenos animais aproximaram-se das raízes como quem procura consolo.

— O que será de nós? — perguntou um beija-flor.

— Para onde iremos? — suspirou um casal de rolinhas.

Até a velha coruja, que conhecia tantas histórias do mundo, permaneceu sem resposta.

O medo caminhava entre todos como uma sombra invisível.

Entretanto, havia pessoas que também amavam aquela estrada.

Os sitiantes, que há gerações cultivavam a terra, perceberam que perder a árvore significava perder parte da própria história. As crianças, que tantas vezes brincaram sob sua sombra, recusavam-se a imaginar aquele vazio. Os caminhantes lembravam-se dos dias em que descansaram junto ao tronco depois de longas jornadas.

Foi então que algo extraordinário aconteceu.

Ninguém esperou que outro desse o primeiro passo.

Uma senhora escreveu cartas.

Um professor reuniu seus alunos.

As crianças desenharam a árvore.

Os agricultores colheram assinaturas.

Biólogos explicaram que ali existia um pequeno universo impossível de reconstruir em outro lugar.

Fotógrafos registraram a vida escondida entre os galhos.

Pessoas que nunca haviam se encontrado descobriram que defendiam o mesmo lar.

Dia após dia, vozes diferentes começaram a formar uma única canção.

A força da união crescia exatamente como as raízes da velha árvore: silenciosa, profunda e impossível de arrancar.

O grande industrial acreditava que venceria apenas com máquinas e dinheiro.

Mas não compreendia uma verdade simples.

Há riquezas que não cabem em cifras.

Depois de meses de debates, estudos e mobilização, veio a decisão.

A rodovia seguiria outro caminho.

A velha árvore permaneceria onde sempre esteve.

Na manhã seguinte, os primeiros raios de sol tocaram sua copa como se o céu inteiro celebrasse aquela vitória.

Os pássaros voltaram a cantar.

As folhas dançaram com o vento.

As flores abriram-se mais cedo.

E quem passava pela estrada dizia que nunca havia visto a árvore tão bonita.

Talvez porque, naquele dia, ela já não sustentasse apenas ninhos, frutos e sombras.

Sustentava uma esperança.

Os anos passaram, e a história atravessou gerações.

Os avós a contavam aos netos sentados sob seus galhos, lembrando que nem toda batalha é vencida pela força e que algumas vitórias nascem quando muitos corações decidem pulsar pelo mesmo motivo.

Desde então, quem descansava sob aquela copa compreendia uma lição que a natureza sempre soubera ensinar:

Uma árvore sozinha pode parecer apenas madeira aos olhos da ganância.

Mas, quando uma comunidade decide protegê-la, ela revela que suas raízes também crescem dentro das pessoas.

E enquanto houver quem cuide da vida, haverá sempre caminhos onde a natureza poderá continuar contando suas próprias histórias.

VICENTE, O MANO

Wellington Soares da Costa

<http://lattes.cnpq.br/2378720543304237>

Subiu os degraus com pressa, compenetrado e testa franzida. Pareceu mais um.

A partir desse dia, abriu-se pouco a pouco para o bate-papo descontraído, embora mantivesse a concentração no trabalho.

Tempos depois, a conversa mostrou-se aberta, contagiante, agradabilíssima e, quando se tratou do chão duro da fábrica, houve o delicioso toque agridoce.

Chegou com presença e passos fortes todo santo dia.

Preferiu sapato marrom. Certeza?

Defensor dos bons costumes, também cumpridor das regras.

Trabalhou incansavelmente na execução das tarefas de sua comunidade.

O produto das mãos foi bom, muito bom.

Paciente com a patroa e medianamente transparente.

Nervoso quando não descansou bem na véspera, mergulhou-se no mutismo temporário.

Apontou vários erros no duro chão da fábrica. Agiu na condição de palmatória, embora tenha esquecido que o próprio telhado é de vidro.

Vicente, operário-padrão. Entretanto, mesmo com várias qualidades, o ar misterioso persistiu.

Ah, e nunca faltou bom humor tanto comedido quanto escancarado. Antes se pensou coração-pedra.

O gesto com o pé gerou dúvida. Esquerdo ou direito? Duas vezes?

Gerou suspiros continuamente, aceleradas batidas no peito nalguns momentos, suspensão do tempo. Afinal, o olhar penetrante nem sempre deu tréguas, sem contar o magnetismo ininterrupto e o sorriso que desarmou as reticências. Mesmo a língua detonou frisson. Todavia, o sol e a lua, intemperança, explosão vulcânica, lágrima nas estrelas, silêncio.

Mas o mistério continuou até que o colega de trampo quase caiu no tapete.

Seu motivo mais íntimo não se descobriu. Quem sabe a inveja? Ou talvez o medo de ser feliz? Outro mistério, mas insondável.

Só restou a lembrança.



Crônicas

Pequena comunidade em um dos estados da região norte do Brasil recebeu estudantes e pesquisadores de múltiplos saberes. O objetivo do grupo consistia em preservar um mamífero aquático ameaçado de extinção, cuja espécie ocorre desde o litoral estadunidense passando pelo norte e nordeste de águas brasileiras, o peixe-boi, ou, como é chamado na comunidade visitada, manati.

Medo: essa é a sensação de alguém que vê um desses pela primeira vez. O peixe-boi, quando adulto pode medir quatro metros e pesar setecentos quilos, um ser bem grande. Contudo, sua robustez não o livrou de ser caçado até que o número de indivíduos da espécie se reduzisse perigosa e drasticamente a ponto de se exigir medidas protetivas.

A gordura do peixe-boi fornece combustível para lamparinas e a pele é usada para fabricação de correias. Às vezes a atividade pesqueira, mesmo involuntariamente, o transforma em vítima quando algum deles se enrosca nas redes daqueles trabalhadores. Enfim, o somatório de ações descuidadas ou propositas o pôs na lista cada vez mais longa de espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção.

Os argumentos dos membros do grupo de trabalho pouco a pouco convenceram os moradores locais da importância da preservação do peixe-boi. Vencido esse importante passo, os esforços conjuntos motivaram os cuidados com alguns deles, feridos ou órfãos, encontrados pelos pescadores. Esses passaram a ser trazidos ao projeto de preservação.

Certa vez, para lá foi levado um jovem peixe-boi ferido, perfurado por arpão. Não corria risco de morte, mas inspirava cuidados. Era diferente dos demais da espécie. Ao invés de ter sua cor tradicional acinzentada, era esverdeado. A tonalidade daquela cor de pele causou estranhamento generalizado, mas os cuidados demandados pelo ferimento eram prioritários e essa distinção foi deixada de lado, ao menos de início.

Veza ou outra, os pescadores informavam avistar outros peixes-boi com as mesmas características de cor de pele daquele em tratamento, mas eram sempre em pequenas quantidades se comparado à maioria dos similares com pele na tonalidade acinzentada conhecida desde sempre.



O peixe-boi é herbívoro, alimenta-se de capim aquático, algas e aguapés. A diferença de cor daquele em tratamento angariou simpatias de alguns estudantes do grupo e esses, movidos por tal afeição, incluíram iguarias não habituais à dieta tradicional do animal, que pelo visto gostou. Dada a cor esverdeada, batizaram-no Pepino. Enquanto seu ferimento cicatrizava, ele engordava qual gado sob a vigília do dono, à custa de banana da terra, beterraba, batata doce, agrião...

Dois meses depois da chegada, seu estado geral era bom e suas dimensões não correspondiam à sua idade cronológica, mas às de um indivíduo adulto. O veterinário da equipe, que desconhecia a alimentação adicional, opinou pela devolução dele ao seu habitat de origem, com os cuidados da readaptação. Assim foi feito. Mais alguns dias, com o auxílio dos pescadores locais, Pepino retornava às águas do rio.

Apesar da certeza de que ele tinha mesmo de ser restituído ao lar, os estudantes e pesquisadores o fizeram de coração partido.

Pepino, talvez pelas dimensões avantajadas em relação aos demais de sua cor, adquiriu uma espécie de liderança, parecendo ter se tornado o macho alfa do grupo para o qual retornara. Contudo, mesmo livre, ele e outros de sua cor, frequentemente voltavam aos limites fronteiros do projeto de proteção, pois desde o primeiro regresso, os estudantes o presenteavam, bem como a seus companheiros, com aquelas iguarias exóticas, que em nada se assemelhavam à dieta aquática. E eles, os peixes-boi, apreciavam cada vez mais.

O consenso prevaleceu e se espalhou o entendimento de que os peixes-boi de pele esverdeada, apenas esses, mereciam tal favorecimento, a fim de que a espécie há pouco descoberta pudesse se multiplicar. Era preciso garantir condições para que a quantidade deles se ampliasse e chegasse aos mesmos locais em que se mapeou a presença dos indivíduos de pele acinzentada.

Com o passar do tempo, o projeto de preservação do peixe-boi se consagrou exitoso. Os moradores absorveram os ensinamentos dos pesquisadores, não os caçavam mais e mudaram as práticas de pescaria de modo a não mais feri-los.

Os indivíduos, que pela cor de pele esverdeada foram outrora considerados minoria, puderam ser estudados. Concluiu-se, mesmo preliminarmente, que nada mais eram do que uma manifestação da natureza, que age sem que se conheçam todos os seus porquês.

Depois desse veredito, os pesquisadores entenderam chegado o momento de emigrar para outras paragens, pois a quantidade dos peixes-boi de pele esverdeada já crescera e acreditava-se, poderiam se cuidar sozinhos, assim como acontecia com os de pele acinzentada.

Aqueles mamíferos aquáticos, independentemente da cor de pele, podiam contar com o comprometimento assumido pelos humildes moradores daquela comunidade, de zelar por sua preservação.

Transcorridos dez anos desde a partida do grupo de pesquisadores, não mais são vistos indivíduos com pele esverdeada. Não fossem os filmes e as imagens feitas pelo grupo de trabalho que esteve naquela localidade, ninguém acreditaria que um dia ela existiu.

Intermináveis as discussões acadêmicas, há quem defenda os procedimentos de proteção diferenciada adotados junto à nova espécie; outros a garantir que tais procedimentos contribuíram para que a

espécie esverdeada desaparecesse, tão logo o grupo de trabalho se ausentou, pois, além de se introduzir um tipo de alimentação que lhes alterou a dieta, eles se tornaram dependentes de ajuda externa para se nutrir. Ainda hoje docentes, discentes e curiosos extramuros da universidade discutem sobre aquela espécie, que não mais existe.

Recentemente, outra discussão, de certa forma associada à primeira, ganhou relevo nas redes sociais: o coletivo de peixe-boi, qual o correto? Manada? Gado? Grupo? Bando? Rancho, Cardume?

O país do futuro!! Mas qual futuro??

Karla Oliveira @catoli54

O Brasil é o país onde o paradoxo é o sistema. É uma terra abençoada com uma natureza exuberante, onde o verde das matas e o azul das belas praias parecem ter sido pintados por Portinari. No entanto, ao olhar para o que o homem faz com o pincel, a sensação é de que viramos a piada de uma anedota de mau gosto.

Tudo começou com o brilho do ouro que brotava da terra e atraiu a cobiça; abriu uma ferida que nunca cicatrizou. Para extraí-lo, montou-se uma exploração movida a sangue: a escravidão de corpos negros e o apagamento dos povos originários e sua também escravidão, os verdadeiros donos de um paraíso e que nunca pediram para ser “descoberto”. Séculos depois, o cenário mudou, mas o roteiro ainda é o mesmo: O garimpo ilegal hoje mata a floresta, envenena rios e repete a violência ancestral em nome de um lucro que continua fugindo do país, em barras e outras clandestinidade.

A corrupção é quase uma instituição cultural, um “jeitinho brasileiro” que subiu as escadas do poder e se vestiu de terno. O sentimento de que o Brasil é uma grande piada vem da ironia de sermos um gigante que tropeça nos próprios pés. O povo, com uma resiliência que beira o masoquismo, ri para não chorar enquanto vê os roubos de merenda, de saúde, da previdência e onde mais tiver seres desumanos trabalhando. Um futuro estampados no jornal entre um meme e outro. Haja oração!! E mais lucros...

Somos o país que exporta minério e importa desigualdade. Que protege a biodiversidade no discurso, mas passa a boiada na prática. É uma crônica de contrastes: o cartão-postal é lindo, mas o verso dele está escrito com a tinta do descaso e do sangue. O Brasil é aquele espetáculo maravilhoso cujo diretor insiste em sabotar a estreia, deixando a plateia dividida entre o deslumbre pela terra e o cansaço pela gestão. E isso cansa, meu irmão...

Pinóquio Moderno

Karla Oliveira @catoli54

Viver em sociedade é uma arte que exige um talento especial para a ficção. Desde que você acorda, as pessoas te contam mentiras com uma sinceridade tão comovente que dá vontade de aplaudir. A primeira grande peça teatral do dia é o despertador. Ele finge que é seu amigo, mas te acorda com um barulho de ambulância pra você começar o dia no puro ódio. Aí você olha no espelho e diz: “Hoje eu rendo!!” Mentira. Você sabe que vai passar três horas olhando o movimento de uma mosca na parede do escritório. No trabalho o chefe te olha e diz: “Bom dia! Você é muito importante para nós”. Tradução: “Fica quieto e faz o que eu mandei”. Você responde: “Obrigada! O senhor também”. Tradução: “Vou torcer para você precisar ir embora antes de me cobrar qualquer coisa”. Mas a mentira que mais dói diariamente é a gastronômica. Você entra num restaurante com fome e o bendito garçom diz que o prato “sai em dez minutinhos”. Mentira deslavada... esses dez minutos são cronometrados em Júpiter, onde o dia dura uma eternidade.

E as redes sociais? O ápice da mentira escancarada. A pessoa posta uma foto plena na praia com a legenda “Gratidão”, mas a gente sabe que ela brigou com o marido por causa do ângulo da tal foto, o sol queimou demais a barriga dela, que ficou vermelhona e entrou areia até onde não era para entrar. Resumindo: ela estava chateadíssima, mas plena!! Ah, me poupe!!!

O pior é que, se alguém resolvesse falar a verdade por um dia, o mundo acabaria em cinco minutos. Imagine responder a um “Como vai?” com um “Vou mal, meu saldo bancário está uma merda e esse seu mau hálito está pior a cada dia”. Não dá...

A gente segue assim: fingindo que o “tamanho único” serve em todo mundo, que o “bebi socialmente” não inclui duas caixas de vinho seguidas de vômitos. No fim, a mentira funciona para a humanidade não acabar de vez.

Sigamos com as máscaras!

Um Salve à vida!!

Entre goles e livros

Karla Oliveira @catoli54

O calçamento de pedras de Paraty, irregular e charmoso, já acordava úmido. Não era chuva, era a maré cheia invadindo o Centro Histórico, desenhando espelhos d'água sob as lindas fachadas coloniais.

A Flip chegava com sua mistura de maresia, multidão, cachaça artesanal, muita cultura, comemoração e páginas impressas. Nas ruas, as pessoas presentes se movimentavam parecendo um cardume literário. Com livros debaixo do braço, ecobags coloridas, passos lentos para não tropeçar no calçamento de pedras, os olhares curiosos pulavam da fachada de uma igreja para a vitrine de uma livraria improvisada nas casas parceiras. O friozinho bom de julho, típico do inverno na serra em pleno litoral, pedia um casaco leve e encontrava calor nas conversas de esquina e nos goles das “Gabrielas”. Ah, que maravilha! Poesias eram sussurradas nos cafés e gritadas em saraus nas casas e nas ruas. A alegria e o som das risadas soltas ecoavam, misturando-se aos violões e aos debates da Praça. Na do Areal ou em frente à igreja, alguém declamava um poema, enquanto outros, de taça na mão, brindavam à literatura e ao encontro com amigos e escritores.

A Flip é um paraíso para escritores, leitores e todos os amantes de literatura, que conseguem livros, autógrafos e algumas fotos. E Paraty é uma cidade linda e acolhedora, com uma fauna e flora deslumbrantes; vale um passeio pelas trilhas e cachoeiras da região. No final da tarde, na chegada da noite, a cachaça Paratiense, servida pura ou em caipirinhas, esquentava a alma e solta a língua para mais um sarau. Os debates acontecendo, as mesas e os encontros com os amigos pelos bares de Paraty; por toda a Festa Literária o que se vê é alegria, mesmo nas inúmeras filas para se ver e ouvir um autor querido. E seguimos nessa vida...

Em todos os anos a Flip sempre será única e inesquecível: os livros, os encontros, a alegria, o mar, as pedras, cachoeiras, vielas, tudo isso em pura poesia.



Karla Oliveira, @catoli54, é poeta, escritora, pintora. Graduada em Pedagogia, com formação em Psicanálise e pós graduada em Filosofia, Sociologia, Psicoterapia, Neuropsicopedagogia, Neurociência, Educação especial, dentre outras especializações. É autora de 5 livros e de diversos textos publicado em revistas literárias e coletâneas, onde foi finalista em poemas e contos. Faz parte do Movimento Neomarginal e do coletivos Escrevientes. Atualmente está trabalhando na escrita de um livro sobre a nossa sociedade, em outro livro de poemas, em um romance de realismo mágico.

PLASTICIDADE

— Aqui estamos com o árbitro da partida, que foi marcada por dois belíssimos gols, do nosso craque da camisa nove, Pereira. Mas o senhor ficou com alguma dúvida com relação à legalidade dos gols?

— Estamos sempre comprometidos com o melhor para a partida, tentando ter lisura e equilíbrio, para não prejudicar ninguém e, assim, garantir o melhor para o esporte.

— Sim, percebemos que sim. Até porque o senhor pediu para rever os gols nos dois lances. Quais eram as suas dúvidas, professor?

— Sempre é bom checar posição de zagueiros, possíveis impedimentos, faltas no lance que poderiam invalidá-lo...

— Bem, mas não poderia haver impedimento. Foi uma jogada individual, do atleta Pereira, partindo sozinho. Qual era a dúvida?

— Não necessariamente impedimento. Poderia haver uma falta no próprio atleta Pereira...

— Mas aí o senhor invalidaria o gol para poder dar a falta?

— Não seria necessário, o gol fala por si só!

— Mas no segundo gol realmente houve um contato, em que o atleta adversário chegou duro em Pereira, que se manteve em pé e, ainda assim, fez o gol. Ali o senhor foi analisar?

— Sim. Para poder avaliar um possível cartão amarelo.

— Sim, e todos concordamos que a entrada foi duríssima. Por que o senhor julgou não ser necessário o cartão naquele lance?

— Para mim não ficou clara a intenção.

— Intenção de quê?

— De prejudicar o atleta Pereira.

— Mas a ideia básica do defensor é parar a jogada, nem que seja com falta.

— E ele nem isso conseguiu. Estou errado?

— Ele bem que tentou, e o senhor, em cima do lance, não marcou a falta.

— Porque não vi essa necessidade, diante da jogada de Pereira. Seria um desserviço chamar a atenção para o atleta adversário.

— Mas o senhor não precisa cumprir a regra independentemente de qualquer coisa?

— Sim, e cumpri as regras, e fui olhar no VAR a repetição do lance.

— E quem foi?

— Foi o quê?

- O atleta que tentou derrubar o atleta Pereira?
- E isso vem ao caso agora?
- Acredito que sim, já que estamos em uma entrevista coletiva pós-jogo.
- Foi o camisa número cinco!
- Só um minuto, professor.... Sim.... Claro... Retomando, minha assessoria aqui me disse no ponto eletrônico que foi o camisa dois.
- Como eu disse, era um daqueles caras com camisa azul, isso não vem ao caso...
- Claro que vem ao caso. Como saberemos se o senhor não vai começar a distribuir cartões para os jogadores errados?
- Bem, eu não vou.
- Mas o senhor não foi ver o número da camisa do marcador para lhe dar o cartão?
- Não necessariamente...
- Mas o que então o senhor quis rever nos dois gols do Pereira?
- Isso.
- Isso o quê?
- Os dois gols do Pereira!
- Mas não era uma revisão do lance?
- Sim.
- Mas o senhor queria ver o quê?
- Aquela curvatura da bola. Que efeito! E o drible? Que perfeição!
- Mas isso não é antidesportivo da sua parte?
- E por que seria?
- Torcer para um dos times assim abertamente?
- Mas eu não torço para nenhum dos dois times, em momento nenhum disse isso!
- Mas acabou de confessar que foi ver os gols do Pereira.
- Sim, no meio do jogo, todo mundo suando, correndo, às vezes não dá para ver nada direito. E aquela televisão ali, disponível, em 4K, com replay, por que não observar uma obra de arte de camarote, e na câmera lenta, se eu tenho a chance? Seria um total desperdício de minha parte...
- Mas é isso que tem a dizer para todos que lhe assistem?

— O VAR existe justamente para rever os lances importantes. E, convenhamos, os dois mais importantes eram aqueles golaços. Eu só aproveitei a tecnologia. Se até a televisão queria rever o gol, quem era eu para discordar?

Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro nasceu em São José dos Pinhais, PR. Cronista por acaso e observador por hábito, começou a escrever para tentar entender o que as pessoas fazem – e por que fazem. Descobriu cedo que o comportamento humano é uma fonte inesgotável de estranheza, e que o humor na maioria das vezes é a melhor ferramenta para olhar para isso tudo sem enlouquecer. Autor do livro “Coisas que a gente pensa... ou não”. E com mais obras a caminho.

ENTREGAS À DOMICILIO

- Jocácio, vem cá, tem certeza que temos que entregar tantos suprimentos assim naquele castelo?
- O cliente pediu Mário, temos que levar hoje, o que houve?
- Sei lá. Aquele cara é esquisito, andava todo estranho...
- Estranho de que tipo?
- Todo peludo e arrepiado. E um paletó curto por cima, coisa de maluco mesmo.
- Pois é, mas é o jeito dele decerto. Se ele gosta de se vestir assim...
- Deve encher de pulga aquela cabeleira toda, e pra pentear aquilo tudo?
- Mas é só porque o cara é cabeludo? Esse é o problema? O Cleiton também não é lá grande coisa, mas vocês se dão bem...
- Não, antes fosse só isso, ele faz umas coisas assim...
- Assim como? Desembuche homem!
- Tem um andar estranho, e fala com os objetos da casa...
- Como assim fala com os objetos? Eles respondem?
- Eu não sei, não paro pra ficar ouvindo né, Jocácio, vai que o louco encasqueta comigo.
- Mas qual objeto ele fala?
- Chaleiras, bule, colheres, relógio, e muitos outros, ele fica lá tagarelando, sabe lá o que tá fazendo.
- Mesmo assim, a família dele até onde eu sei é muito rica, e paga certinho, não dá pra reclamar disso. Há muitos anos são nossos clientes.
- A propriedade é imensa, o jardim maravilhoso, mas aquele cara dá arrepios!
- Mas o que eu posso fazer? Cliente é cliente. E você é meu melhor entregador, jamais mandaria o Cleiton lá, ia fazer besteira, só posso contar com você!
- Eu sei, o Cleitinho apronta das dele. Mas não para por aí, eu acho que tem alguma coisa esquisita rolando ali...
- Que tipo de coisa esquisita Mário?
- Sei lá, outro dia comecei a ouvir uma cantoria do jardim...
- Cantoria do jardim? Eram os pintassilgos? Sabiás?
- Não, de gente mesmo, voz de mulher...
- Mas não quer dizer nada, podia ser o rádio, sei lá, um papagaio muito afinado.

— Era uma moça, muito bonita, mas estranho, cantando e rodando, dando piruetas pra lá e pra cá, caminha saltitando, gestos exagerados...

— Mas não era apenas o príncipe que morava ali? O cabeludo esquisito?

— Pra você ver, que tipo de mulher que ia querer se envolver com um sujeito daquele? Me dá arrepios de imaginar o bafo que ele tem, olha aqui quanto salame e quanto alho ele comprou!

— Eu não sei, mas vai que o rapaz é gente boa?

— Mas ele tem chifres e baba! Ao menos me parece isso, pela silhueta horrenda, eu nunca fitei ele nos olhos de perto, me dá arrepios...

— Já está exagerando...

— Não estou!

— Deixa que eu vou, fica aí com o Cleiton, e cuida para ele não por fogo em tudo. Logo estarei de volta.

Algum tempo depois, Jocêcio retorna:

— Mário, vem cá, confere aqui pra mim, tá certo o endereço da entrega?

— Deixa eu ver... aparentemente sim.

— Pois eu fui lá.

— E aí? Viu o cabeludo? A moça sequestrada? O cara falando com o bule?

— Nadinha.

— Como assim? Eu fui anteontem e estava assim!

— Eu fui recebido pelo príncipe, e por sua esposa. Uma jovem muito bonita, e ele um rapaz completamente simpático.

— Mas e a cantoria no jardim?

— Só de passarinhos, embora a voz da moça fosse muito doce, mas não vi nada de cantoria...

— Mas e a cabeleira?

— O rapaz muito polido, bem-vestido e extremamente cortês!

— E o bule falando com o relógio?

— Só vi a chaleira e as xícaras de chá. Completamente comuns, de porcelana, muito finas, mas completamente caladas.

— Não é possível...

— Olha, acho que você está andando demais com o Cleiton, não pode dar atenção pra tudo que ele diz, fica chato pra você...

— Mas eu sei o que eu vi!

— Sim, tudo bem, mas vamos fazer assim, chega de histórias por hoje, certo?

— Não eram histórias, era verdade!

— Eu entendo que pode ser cansativo, serviço de entrega é puxado às vezes, mas o dia que quiser uma folga, pode me dizer, é mais bonito que ficar inventando lorota por aí...

— Mas ninguém normal assim consegue comer tanto salame, esse tanto aqui alimentaria uma fera...

Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro nasceu em São José dos Pinhais, PR. Cronista por acaso e observador por hábito, começou a escrever para tentar entender o que as pessoas fazem – e por que fazem. Descobriu cedo que o comportamento humano é uma fonte inesgotável de estranheza, e que o humor na maioria das vezes é a melhor ferramenta para olhar para isso tudo sem enlouquecer. Autor do livro “Coisas que a gente pensa... ou não”. E com mais obras a caminho.

ENTREVISTA COLETIVA

— Treinador, quando soubemos da convocação da seleção, já esperávamos surpresas, mas essa foi demais, o senhor convocou o Dos Santos? Ninguém esperava por isso, o senhor pode colocar o seu ponto de vista sobre o atleta?

— Bem, como todo ciclo acontece isso, temos atletas que são mais bem-vistos, apontados como certos, e aqueles que com muito trabalho de observação e análise tática aparecem para a comissão. Cada atleta é examinado naquilo que pode servir melhor à equipe.

— Sim, sabemos que existem nomes que são unânimes, alguns quase certos, alguns são dúvida, mas o Dos Santos era inimaginável, o que a comissão técnica observou no atleta Dos Santos?

— Ele foi muito observado em diversos jogos do seu time, para ser exato ele foi avaliado junto com outros quatorze atletas para cumprir essa função, e ele foi o melhor, disparado.

— Mas como assim? Muitos dos atletas que estão confirmados na equipe já são contestados por seu futebol não tão vistoso, mas o Dos Santos nunca atuou em alto nível?

— Aí depende do quesito que você fez a sua avaliação. Cada atleta, cada ser humano deve ser valorizado por aquilo que pode fazer de melhor e contribuir com a equipe.

— Então vamos aos requisitos que eu observei no Dos Santos:

Cabeceio: desempenho baixo;

Lançamentos: pífios;

Remate ao gol: fraco e sem pontaria;

Passes: média baixíssima de aproveitamento;

Não consigo ver quais qualidades o levaram para a seleção.

— Como eu disse, aquilo que você olha, não necessariamente é o que a comissão olha, existem qualidades que se destacam de outras maneiras.

— Mas a seleção já se encontra carente de várias posições, muitos atletas contestados, qual a justificativa pra chamar o Dos Santos?

— Bem, vamos ao ponto, cada atleta cumpre bem sua função. Chamamos atacantes velozes, e com bom cabeceio. Chamamos meio campistas que são armadores e que sabem organizar o meio campo, demos preferência para laterais com velocidade, zagueiros que são bons marcadores, goleiros que vem em boa fase, e chamamos o Dos Santos por sua excelente oratória e maravilhosa retórica.

— Mas como isso vai ajudar a seleção a ganhar?

— Como já disse aqui, várias vezes, cada atleta foi pensado por suas ótimas qualidades, e como temos poucos atletas que se destacam, na verdade quase nenhum, trouxemos o Dos Santos para dar entrevistas coletivas, para explicar nossas eventuais derrotas.

— Então a seleção entrou numa fase de conformismo, aceitando a derrota assim?

— Claro que não, nossos atletas estão focados em conseguir sim, uma desclassificação honrosa! Para não sermos completamente goleados e desmoralizados.

— Mas não seria melhor ter chamado mais algum atleta com alguma capacidade? Para poder somar ao time com talento? Mesmo sendo pouco?

— E deixar o restante do time preocupado em ter que explicar um eventual vexame? Jamais, para isso temos o Dos Santos, que como já disse, com retórica excelente, e como você disse, atleta medíocre, está acostumado a explicar derrotas e atuações ruins.

— Mas não existe a preocupação com o psicológico do atleta Dos Santos? Como ele vai se sentir tendo apenas essa função?

— Ele está muito animado, sabe que por meios de conquistas esportivas não teria chance, e vai ser bom para ele ter no currículo a sua passagem pela seleção. São poucos os atletas que tem essa chance, e ele foi um dos privilegiados.

— Mas a falta de habilidade dele não será um incômodo para os treinamentos da seleção?

— Jamais, ele está treinando separado do grupo. A equipe está em campo treinando táticas com o preparador físico e meu auxiliar, o atleta Dos Santos está na sala de coletiva da seleção com o pessoal de Relações Públicas, para treinar respostas e cara de triste, talvez rolem até algumas lágrimas se for preciso.

— Mas então, qual a mensagem para a torcida?

— Prometo aqui, que vamos treinar muito, para podermos ser desclassificados de forma honrosa, treinaremos até a exaustão, e se for preciso, e muito provavelmente será, teremos o Dos Santos, na sua melhor forma, lhes dando as maiores desculpas e explicações do mundo. Podem cobrar dele, a emoção, a tristeza e a cara de choro de um legítimo eliminado com honra!

Lucas Ribeiro

Lucas Ribeiro nasceu em São José dos Pinhais, PR. Cronista por acaso e observador por hábito, começou a escrever para tentar entender o que as pessoas fazem – e por que fazem. Descobriu cedo que o comportamento humano é uma fonte inesgotável de estranheza, e que o humor na maioria das vezes é a melhor ferramenta para olhar para isso tudo sem enlouquecer. Autor do livro “Coisas que a gente pensa... ou não”. E com mais obras a caminho.



Bainha – uma égua

Luizinho Trocate



Foto: Aninha – filha do autor - e os cavalos

No Sítio São Torquato, propriedade do meu pai, que compunha no passado a Fazenda São Torquato (na Estrada Andradas / Poços de Caldas MG), dos meus avós, agora desmembrada em 08 sítios, tínhamos uma infinidade de animais, dentre estes a mula Bestinha e égua Bainha eram meus preferidos embora, pra cavalgar só a Bainha; a Bestinha puxava carroça, mas se montasse ela empacava.

Eu, com seis, sete anos encostava a eguinha num barranco, montava e saía no trote. Como se soubesse que eu era só um pirralho Bainha segurava o galope, não ia deixar cair seu amiguinho de todas as manhãs! Montava em pelo e nem fazia cosquinha, se ela via uma moita de capim verdinho parava pra comer e eu nem aí, ficava montado olhando a vida e acariciando com cuidado sua crina sedosa. Era uma simbiose de amor! Era uma delícia! Meu pai, um homem do seu tempo, religioso, sério (mas um sorriso lindo quando sorria; brincalhão e sensível como poucos) não maltratava e aí de quem maltratasse um animal perto dele. Ouvia poucas e boas, mas nada ofensivo. Nunca ouvi ele dizer um palavrão, ou dar um tapa num filho, enfim.

Quando eu montava a eguinha ele recomendava “nada de sair do sítio”. E eu não saía, quer dizer, não que ele soubesse, vez ou outra eu dava umas voltas pela estrada, à época de macadame, pouquíssimo movimento de carros. Duas vezes por dia, a Jardineira que ligava Andradas a Poços, um ou outro DKW (nosso primeiro carro foi um desses, vermelho, fabricado na Alemanha, duas portas – Belcar - abrindo ao contrário) ou fusquinha. No geral aqueles carrões antigos dos anos 40 / 50 igual o Chevrolet Explore Classic 1942 – o periquito - do meu Tio Salvador.

O Grande momento dessa estrada eram a boiadas. Quando uma passava – e demorava pra passar – eu ficava ali sentado num galho de árvore ou barranco vendo a boiada e os boiadeiros com seus berrantes. Era um espetáculo à parte! Um pouco antes do nosso sítio havia um desvio – a boiadeira – por onde a boiada passava, mas no geral ia pela estrada mesmo, segurando o trânsito, enfurecendo os poucos motoristas.

Uma vez sai com a eguinha, escondido, e ao voltar fiquei preso entre a boiada e a porteira, não conseguia voltar pra casa, era perigoso tentar, podia haver estouro ou coisa parecida se aparecesse um cavaleiro (no caso eu, um mini cavaleiro) desconhecido, então o boiadeiro (culateiro) que fechava a comitiva não me deixava passar. Perdi ali uns 40 minutos, chegando na porteira meu pai me esperava com cara de bravo, aí pensei “tô frito”. Ele segurou a Bainha pelo cabresto, falou “desce”! Desci e esperei a bronca que nunca veio, ele afagou meus cabelos dourados encaracolados, me olhou com infinita ternura e disse: “fiquei muito preocupado e chateado com você; andar a cavalo agora só mês que vem”. E ainda era 1º de junho!



Sobre o autor: Luizinho Trocate (heterônimo de Luiz Ramos), natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo, Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade.com”. Publicado originalmente no site Recanto. Contatos: slramos224@gmail.com

Certa ocasião recebi o telefonema da minha esposa Catalina, que pediu-me para ir até uma loja no centro da cidade de Rio Claro, São Paulo. Fiquei preocupado com o que poderia ter ocorrido. Estacionei o carro próximo e quando cheguei à loja, a minha esposa, com um sorriso, me mostrou uma cachorrinha que estava sobre o balcão.

— Vamos ficar com ela? Vamos?

Sempre fui gateiro, mas concordamos em ficar com ela. No outro dia a minha esposa foi até a casa da dona da loja para trazer a cachorra. Cheguei do trabalho, no final do dia, e quando vejo, tem duas cachorras.

— Como assim? Não era uma só?

— Mas olha a carinha da outra! São irmãs.

Ficamos com as duas, a Dara e a Dora.

O quintal da casa era enorme, todo cercado com tela, mas a Dora insistia em explorar o bairro e a Dara seguia a irmã.

Embora irmãs, tinham personalidades diferentes. Enquanto a Dora era Alfa, a Dara era Ômega, lá no final do alfabeto grego, submissa. A Dora sabia que mandava no pedaço e não tinha medo de comer a comida da irmã, que desesperada engolia sem mastigar e, não raras vezes, acabava vomitando.

O cercado grande, com mais de 50 m² de gramado ensolarado, era o canil com uma boa construção de tijolo e telhas de barro, com casinha de madeira dentro dela e caminhas acolchoadas. Era o espaço delas, mas muitas vezes a Dara dormia no relento, toda encolhida, mesmo no inverno. Ela fez um buraco no gramado e muitas vezes dormia dentro dele. Enquanto a Dora era toda sensível ao toque mais forte, a Dara era muito carente e medrosa. Comia tudo compulsivamente, mas mesmo assim era magra, enquanto a Dora, mais preguiçosa, era mais gorda e lenta no caminhar. Ambas eram meigas. A expressão cão chupando manga era a Dara e a Dora, que adoravam comer manga, mastigando de boca bem aberta.

Depois de doze anos mudamos para a cidade de Gramado, no Rio Grande do Sul, e a questão era como levar a Dara, a Dora e mais quatro gatos. A minha esposa pesquisou durante vários meses, inclusive sobre contratar um taxi aéreo, pois o medo dela era que as cachorras se perdessem sendo transportadas no porão do avião comercial. Finalmente contratamos uma empresa especializada que faz transporte de “pets” por via terrestre.

Construímos a casa em Gramado pensando nos gatos e nas cachorras, um gatil externo totalmente telado com acesso para dentro de casa, nas salas e o quarto, através de uma pequena portinhola, e as cachorras acessando o quintal, o canil e o resto da casa. As cachorras sempre ficaram separadas dos gatos, pois eles se estranhavam. A Dora sempre foi friorenta e adorava

ficar coberta com um cobertor, deixando somente a cabeça de fora, e olhava-nos somente de soslaio, sem se mover. A Dara sempre foi mais resistente ao frio.

Aos poucos os gatos morreram com a idade avançada e sobraram a Dara e a Dora. A Dara teve demência canina e o fim da sua vida foi muito triste, pois acabou ficando cega e surda também. Depois de alguns meses de luto a Dora também acabou morrendo. Atualmente não temos mais “pets” em casa, mas ficaram boas lembranças deles.

Massanori Takaki - Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com pós-graduação pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e dois pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e em Jornalismo Digital pela UNESA.



Poemas

Desejos

Existem momentos valiosos,
Em que textos vêm naturalmente.
E não escrevo versos morosos,
Escrevo poemas atraentes.

Poucos minutos são necessários,
Isso deveria ser frequente.
Seria fácil esse cenário,
Escrever igual uma torrente.

Amanda Laurentino

Amanda é natural de São Paulo e reside na Zona Leste da cidade. Bacharel em Jornalismo, Técnica em Biblioteconomia e em Museologia, tem uma pesquisa reconhecida sobre Racismo e Classe Social no Jornalismo Policial. Possui habilidades em análise de discurso, análise de conteúdo e conservação e preservação de patrimônio cultural. Desde muito cedo nutre um forte interesse pela pintura e desenho (hashura e aquarela com café) e a escrita, em especial a poesia.

amands.cl@hotmail.com e instagram: @amandaclaurentino



olhou o cão como se quisesse confrontar sua coragem
quedou, como se o espaço e o tempo se fundissem em cena
no movimento de parar para perceber, encontrou a força que sempre teve
olhou o chão, o cão, o céu e se viu não sendo o mesmo

andou como quem tem certeza de onde quer chegar
percebeu o passado, o presente e acessou o futuro por abstração
despertou, como quem toca a vida para frente e ganha o mundo
lembrou da fanfarra, da cigarra, da formiga e prosseguiu com a trajetória

alcançou, em tempo, a coragem que apanhou nos olhos do cão
apressou o que duvidava alcançar, buscou respostas outras e deixou o medo na estrada
o raciocínio acelerou, o corpo se posicionou e em alguns minutos se reordenou
cantou, firmou, chorou, pulou, desanimou, descansou e buscou reviver os sonhos

arranhou a alma com a palavra
como felinamente se destapa o de dentro
enovelou e desteceu para alcançar o ponto
semelhante às sábias tecelãs que guardam o tempo

lançou ao chão estilhaços do vaso de barro, feito de
terra-ancestral moldada nos sertões - Vento divino
em nome do pai, patriarca
em nome da mãe, matriarca
em nome do filho e da filha, com a descendência

apagou a cicatriz do coração com um sopro
em olhar atônito pressagiu sete vidas multiplicadas por traumas
costurou ao avesso, o vermelho de dentro guardou o verde de fora
feito os soldados do Exército de Libertação Popular, pugnou

desembainhou a agulha para furar a bolha, como quem
guarda a técnica dos bisturis em todo o planeta - Rastro científico
em prol do avançar, verde militar
em prol da ressignificação, vermelho sangue
em prol do êxito e da profundidade, verde-vermelho-esverdeado

Angelo Cardoso Sá é doutorando em Letras (bolsista CAPES I) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, na área de Linguística e Língua Portuguesa, vinculado à linha de pesquisa Linguagem e enunciação: interações sociais e práticas discursivas. Mestre em Letras (bolsista FAPEMIG) pela mesma instituição, na área de Literaturas de Língua Portuguesa, linha de pesquisa Trânsitos literários: produção, tradução, recepção. Desenvolve pesquisa acerca do projeto literário de Darcy Ribeiro sob o viés dos estudos discursivos. Membro do grupo de pesquisa G.E.Di. (Grupo de Estudos do Discurso), do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos (bolsista integral), participou do Programa de Iniciação Científica, desenvolvendo o projeto de pesquisa intitulado BNCC E CIÊNCIA TRILÓGICA: as competências gerais e socioemocionais à luz do método Keppeano, linha de pesquisa Psicossociopatologia e Desenvolvimento Socioemocional na Educação. Especialista em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, integrou o projeto de extensão Ensino de Língua Portuguesa em Discussão, da Faculdade de Letras, como bolsista do programa PRONOTURNO. Atuou na educação básica como professor de produção de texto e auxiliar de coordenação, e na educação profissionalizante como coordenador pedagógico.



Foto: Bruno Santos

Até amanhã

Queria me deitar ao seu lado
sentir seu calor
nessa noite fria
quero no céu, a lua
o termostato da temperatura
é apenas o sol
você, sorrindo e nua
nossas roupas penduradas nas estrelas
arrepios, tremores, risos
sem ensaios
tudo natural

Na vitrola, um disco rolando
o som de piano tocado em Si bemol
a noite delineada pelo prazer
depois, eu e você
dormimos até o amanhecer.

Ariê Vitor de Moraes
poeta das flores

Cadê o pombo?

Caminhando sem trajetória
com passos ora lentos,
ora rápidos,
bicando ciscos pequenos
como se fossem alimentos integrais,
que ao seu duplo estomago,
o desejo de saciar a fome.
E lá vai ele, distante,
sem rumo, sem direção,
e eu voando pra cima dele,
sem asas, sem coração,
só para espantá-lo por puro prazer.

Cadê o pombo?

Voou assustado.

Sumiu!

Cadê meu coração?

Arrependido e desolado
se partiu!

O pombo se foi, sabe-se lá para onde;
já eu continuei a seguir o caminho.

Bernardo Santos, 62, aposentado, natural de Cristais – MG, residente em São Caetano do Sul – SP. Têm publicações em antologias, jornais, revistas impressas e digitais, além de premiações e menções honrosas em concursos literários no Brasil e Portugal. Seu último trabalho solo é o romance histórico *O aluno do Passado* (e-book Amazon, 2022). As participações mais recentes estão no *Dossiê Eros – Vol. II* (FênixArt/Curitiba-PR), *1.ª Coletânea de Textos Rejeitados* (Artistas BR/RJ), *Varal Literário – Coletânea de Obras Recebidas* (Escola do Legislativo/Divinópolis-MG), *Epifanias: Antologia Poética e Literatura Animalista* (Cleópatra Cartonera/Aracruz-ES), nas revistas *10 Poemas – Tudo Junto e Misturado 3* (Belo Horizonte/MG), *SerEsta 17* (São Paulo/SP) e na natalense *Barbante 176*.

www.bernardosantos.com.br



Bichos

Edgar Allan Poe compõe um poema
O Corvo é traduzido por Machado e por Pessoa
Visto que a alma, seja reta ou oblíqua
Não é pequena
Nenhuma visão é assim à toa
Dois estilos, dois contextos
Pego na estante uns livros e
Leio num instante
O Rinoceronte, de Ionesco
Em outro, Clarice
O livro da barata
Segundo a paixão
Também o Elefante, na poesia de Drummond
Gregor, Kafka
Bichos de Orwell em revolução
A Baleia, que é um cão
O cão é quem fareja
O retorno de Odisseu
No topo dos livros, uma aranha – escrevi
Depois do canto de um bem-te-vi
Falta-me citar a raposa do Príncipe
Pequeno, Que atravessa mundos
Pelas páginas de um livro.

Brunno Vianna

Natureza

A natureza borda o amanhecer,
com fios de orvalho pelo capim,
há um cântico de luz a renascer
nas pétalas que sorriem pra mim.

O vento traz cheiro de alecrim,
junto ao frescor da imensidão,
e a floresta sussurra, sem fim,
os segredos antigos da criação.

Às vezes é tufão sobre o vale,
outras vezes lago em calmaria,
carregando a sutil dualidade
de abrigar a força e a harmonia.

A natureza escreve, na aurora,
o poema que não pode apagar,
pois faz da vida a canção sonora
onde a alma aprende a respirar.

Daniel Bezerra

Os Animais

Eles conhecem a linguagem
que o vento risca no arrebol,
há um mistério na coragem
de quem bebe sem pedir sol.

E no seu olhar há um espelho
onde a vida aprende sem falar,
e o silêncio se faz o conselho
nas veredas que ensinam amar.

Às vezes são pura inocência,
e vezes bravura em vendaval,
carregando a sutil ambivalência
de serem força e afeto natural.

Animais nos lembram, dia a dia,
que a Terra é ninho a florescer,
e que toda vida, em harmonia,
tem o mesmo direito de viver.

Daniel Bezerra

PÓETICAS DO OUVIR

Edson Briato

Passo por eles e sinto o peso do cobre que não há.
Casca de metal que outrora abrigaram segredos sussurrados,
Choros abafados pelo barulho da avenida,
E o estalar seco das fichas caindo, como minutos que se gastavam com pressa.
Eram as orelhas do mundo, dizem.
Grandes cúpulas onde a gente se encolhia para caber no peito de alguém distante.

Hoje, os orelhões morrem de pé.
Cicatrizes de spray cobrem o que antes era ponto de encontro.
Estão ali, desdentados, sem fios, com o estômago de ferro vazio,
Testemunhas de uma era em que, para falar, era preciso caminhar até a esquina,
Esperar a sua vez na fila da paciência, E, acima de tudo, aprender o milagre de escutar.

Ironia anatômica do tempo:
Tornamo-nos uma sociedade de bocas imensas e ouvidos atrofiados.
Gritamos em telas de vidro, mas ninguém recolhe o eco.
Todo mundo tem voz, mas quem tem a escuta?

Olho para aquelas carcaças abandonadas na calçada
E, no delírio que só pertence aos poetas e aos loucos,
Eu não vejo entulho. Vejo ninhos.
Gostaria de limpar a poeira do vidro quebrantado,
Arrancar o vandalismo do esquecimento
E transformar cada orelha velha em um confessionário de versos.

Imagine: em vez de moedas, você deposita uma rima.
Em vez de um sinal de linha, você colhe um poema deixado por um estranho na noite anterior. Um orelhão
que não liga para lugar nenhum,
Mas que finalmente conecta o homem a si mesmo.

Se o universo vai ouvir esse apelo, eu não sei.
Mas deixo a ideia impressa no vento,
Pois enquanto houver uma esquina com uma velha orelha de ferro esquecida,
Haverá a promessa de que a poesia ainda pode nos salvar do nosso próprio barulho.



E-mail: edsonbriato@gmail.com

Instagram: @wislawa_se

Sobre o autor: Edson Luiz da Silva Briato é natural de Campo Bom (RS). Licenciado em História, tecnólogo em marketing e pesquisador, possui especialização em Educação pela Pesquisa. Escritor e entusiasta do fazer literário, encontra na obra da polonesa Wisława Szymborska sua principal fonte de interlocução e inspiração poética. Desde 2024, pesquisa maneiras de levar poesia aos espaços das cidades.

Foto:



Gato na caixa de papel



Ninguém disse ao gato
Que ele não cabe na caixa
Ou se alguém disse
O gato não ouviu
Não deixe que ponham
Limite nos seus sonhos
Aprenda com o gato:
Sonhos não têm tamanho

Elidiomar Ribeiro da Silva

elidiomar@gmail.com

@elidiomar.ribeiro

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro, gateiro e flamenguista amador.



O Eco da Terra

Enquanto os fenômenos decifram o tempo
E linguagens dialogam em silêncio e palavra,
Desperta a sabedoria de quem sabe ler as estações:
O inverno, o verão, a primavera e o outono.

Toda a natureza se une — animais, trovão, ventos, mar e rio —,
Sob o compasso das fases da lua e a voz dos irmãos indígenas.
São nossos ancestrais nos lembrando de curar a terra,
Respeitando os seus sagrados limites.

Somos, afinal, filhos dependentes deste chão.
Aprendemos a ouvir o clamor da Mãe Terra:
Zele pela criação que, em pura generosidade, Deus nos entregou.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

Eis-me Aqui

Diante do clamor e das ruínas de um terremoto,
Pesamos a dor física, o luto e as perdas,
O visível e o invisível desabando... E nos sentimos sós.

Sob os escombros, o silêncio aguarda o socorro.
Uma entrega que não pede palavras.
O que nos resta, então, a não ser dizer:
— Eis-me aqui, Senhor, ainda não estamos prontos.
Entre males e sonhos, da infância à velhice,
Descobrimos o quão frágil é o nosso ser.

Que nos reste, ao menos, a alma livre
Para cruzar a ponte da amizade com Deus
E caminhar, finalmente, rumo à paz eterna.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

BYE BYE OUTONO

Inverno seja bem-vindo
Que chegue bem de mansinho
Sem tempestade e enchente
Tudo muito fresquinho
Temperatura refrescante
Agradando aos bichinhos

Ilmar Ribeiro da Silva

ilmarribeiro@yahoo.com.br

Sobre a autora: Ilmar Ribeiro da Silva é carioca, professora aposentada do antigo ensino primário. Lecionou na Escola Municipal Irineu Marinho, onde colaborou, por décadas, para a alfabetização de centenas de crianças.



LUMI

Lumi faz jus ao significado

Ela é como luz num dia nublado,

Com seu jeito carinhoso

E o mimadinho manhoso.

Nos dias de frio,

Aconchega-se com o pelo macio.

Ela vem procurar meu calor,

E em troca, me dá amor.

Lumi, minha gata amada,

Olhar passarinhos a deixa animada.

Sua alegria é um sachê fresquinho,

Um gato em casa, é certeza de carinho.

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia,

participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua
inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das
histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Instagram: @entrepalavraserimas.iteuane

Na foto, a autora com a Lumi, uma gatinha que ela cuida, enquanto a mãe viaja.



Partida dorida.

Desde que você se foi:

Vazio profundo.

Já foram dois anos.

A saudade não passa —

Lembranças pra sempre.

Diante da falta,

orações são conduzidas —

a dor da perda.

BIOGRAFIA

João Vittor Gomes Firmo é Licenciado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mediador de leitura, poeta, contista, cronista e haijin. Na atualidade, realiza Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. A trajetória como artista da palavra teve início em 2014, e as suas escrituras integram revistas literárias (*Artes do Multiverso*, *Barbante*, *Lagamar* e *Viagem Literária*) e plataformas de divulgação artística (como o *Blog Relicário*, do CII - *Campus* Duque de Caxias, e o perfil da *Torre de Babel*, projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ, no *Medium*). Além disso, teve poemas selecionados para compor antologias de âmbito nacional (*Editora Pangeia*, *Grupo Editorial Hope* e *Grupo Nacional de Estudantes de Filosofia - GNEFIL*) e internacional (*Instituto Cultural de Évora - ICÉ*). Enquanto haijin, desde 2024, atua como membro do Núcleo de Haikai do Instituto Cultural Brasil-Japão (NHICBJ) e foi um dos aprovados no 2º Concurso Literário @haikai.brasil e na chamada da Editora Persona para a coletânea “Haicais e Tankas 2025”. No que diz respeito às comunicações poéticas, as apresentações de textos autorais foram acolhidas por instituições como o Colégio Pedro II (CII), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Museu Nacional/UFRJ, o Instituto Cultural Brasil-Japão (ICBJ), o Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras (ABL). Contato: vittorfirmino@letras.ufrj.br.



Fonte: Aline Gomes e Luana Gomes, 2025

Tempestade de amor

Karla Oliveira @catoli54

*Olho teus movimentos suaves no espaço
uma dança leve que me prende a atenção
Há uma urgência mansa no teu abraço
que domina o ar e rouba minha respiração*

*Toco sua boca com a ponta dos dedos
um traço leve antes do colapso
Teu beijo cala todos os meus medos
mas incendeia a alma com força e impacto*

*Fecho meus olhos para reter o instante...
a escuridão amplifica a pele que queima
Sinto sentimentos de um amor gigante
que nos inunda, transborda e teima*

*É a força de uma tempestade inteira
que deságua mansa na nossa calmaria*

Som da palavra

Karla Oliveira @catoli54

O laço que nasce no som da palavra
Onde a poesia a alma lavrava
Entre um verso dito e a voz do violão
Surgiu de repente a nossa conexão
Teu brilho sensível no meio da arte
Mostrou que o carinho também faz sua parte
Na escuta atenta, na dedicação
O sarau foi palco da aproximação
Que a gente cultive o que ali começou
A bela partilha que a noite guardou
Te acolho na alma com grande alegria
Nessa nova estrada de pura empatia

Há poesia...

Karla Oliveira @catoli54

Vejo poesia no dia a dia

No olhar que ilumina

No sorriso que cativa

e instiga a busca da felicidade

da alegria

Vejo poesia no ato de apreciar um bom café

no ato de respeitar o outro

de ouvir atentamente

sem julgamentos

Sim. Há poesia nas coisas

nas pessoas

nos objetos feitos por mãos

de artesãos

Artesãos que se doam em seus trabalhos

que colocam poesia no inanimado

Sim. Há poesia...

CONTEMPLAÇÃO

Karla Oliveira @catoli54

*A emoção pulsava forte
em um ritmo frenético*

até o acordar da alma estática

*ao contemplar a beleza
da exuberante natureza
vendo as borboletas azuis e brancas*

em uma esvoaçante dança

*O tempo ali era um detalhe
Irrelevante*

A nobreza do encanto

Karla Oliveira @catoli54

Na tua pureza

sinto a lindeza

Com a delicadeza de um porto seguro

Onde a paixão afasta toda a tristeza

Teu belo olhar convida-me a sonhar

E o meu maior desejo é te abraçar

Sentir teu jeito doce de encantar

E em cada noite calma te beijar

Fico parado apenas a admirar

Esta jornada linda, a nossa vida

Que por você agora é mais sentida

Quanta emoção e quanta felicidade

Viver um sentimento assim, tão puro

Um laço nobre, livre de vaidade



Uma minibiografia

Karla Oliveira, @catoli54, é poeta, escritora, graduada em Pedagogia, com formação em Psicanálise e pós graduada em Filosofia, Sociologia, Psicoterapia, Neuropsicopedagogia, Neurociência, Educação especial, dentre outras especializações. É autora de 5 livros e de diversos textos publicado em revistas literárias e coletâneas, onde foi finalista em poemas e contos. Faz parte do Movimento Neomarginal e do coletivos Escrevientes. Atualmente está trabalhando na escrita de um livro sobre a nossa sociedade, em outro livro de poemas, em um romance de realismo mágico.

Amores de São João

Pula, pula essa fogueira.

Fogueira de São João.

Vem encontrar o amor.

O amor de São de João.

Esse amor arrasa os corações.

Agita essa quadrilha São João.

A pipoca está pipocando no fogão.

Vai dar um belo pipoção.

Pica pipoca.

Fogueira de São João.

Os versos são juninos.

É o amor de montão.

BIOGRAFIA:

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa Brasileira. Formada Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTÉ) com patronesse Ruth Guimarães ocupando cadeira de número 39 De 2023 a 2025. Começou a escrever em seus 14 (quatorze) á (quinze) anos de idade. Ganhadora de vários títulos literários em diversas regiões, estados e municípios do Brasil e também internacional. Participa de diversos concursos literários como revistas, antologias e coletâneas. Em 2024 foi ganhadora XXI congresso brasileiro de poetas trovadores a ser realizado em venda nova do imigrante ES.

INSTAGRAM @liecifranborgesmartins



CASA DA MEMÓRIA

Minha casa há muito se perdeu em ruínas.
Escombros de lembranças,
Alicerçando, frágeis, janelas encobertas.
A morte, inelutavelmente certa, ainda
Esteia a resoluta construção; como estranha
Certeza que consola seus fantasmas.
Terna, existe apenas na memória.
Meu jazigo já foi erigido,
Sem direito a purgatório, todavia,
A eternidade é aqui.

Marcus Hemerly

TRANSMORFIA

O barbante envolve a flor
que fere meus dedos; gotejo de
sangue umidifica o beijo. Amarra o saco que envolve o cadáver. O mesmo barbante enlaça as prendas infantis,
ofertadas em adornos coloridos.
No gris caleidoscópio dos olhos fechados, envolve o cinto remendado do mendigo.
Novamente, muda de forma, em mãos habilidosas cerze alfarrábios de literatos.

Marcus Hemerly

AGULHADA

O nervo que estala
No espocar da dor,
Do osso quebrado é tala,
Em contradições do amor
Ingênua, meu verso embala.
Engano consciente de
mim,
Uma hora, o princípio do fim.

Marcus Hemerly



MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly, é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos Anversos”, “Alvéolos da Alma”, e coautor em antologias poéticas e de contos. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos. Pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.

NATUREZA CLAMA

Em tempos de violência,

Natureza clama

Por justiça,

Por amor,

Por misericórdia.

Em tempos de calamidades,

Natureza clama

Por mais empatia

Por mais tolerância

Por mais cores.

Em tempos de fragilidades,

Natureza clama

Por mais sensatez,

Por mais sororidade,

Por mais partilhas.

Em tempos de ódio escancarado,

Natureza clama

Por menos ganância,

Por menos corrupção,

Por menos destruição.

Em tempos de solidão,

A virtualidade não é nada

Apenas ilusão de ótica

A natureza chora.

Rita Queiroz

OS TRES CURIOSOS COELHINHOS

Eram tres coelhinhos sabidos
estavam na janela da casinha,
olhando a natureza e todos
os bichos andando pela ruazinha!

De repente eles olharam boquiabertos,
não acreditando no que viam passar,
com a boca mais aberta que os outros,
estavam tão perplexos de pasmar!

Logo seus olhinhos curiosos viram
o orgulhoso leão vinha todo garboso,
tão estranho que não o reconheciam,
tinha tirado a juba e ficou muito feioso!

Minibiografia

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

Camaçari/Bahia/Brasil

Brasileira, gaúcha e gabrielense, radicada na Bahia. Professora, pedagoga, psicopedagoga, feminista, genealogista, escritora e poetisa. Publicações em Antologias, coletâneas, blogs, revistas, mídias digitais nacionais e internacionais. Primeiro livro: Sentimentos em poesias.

Instagram: @roselenafnf

Você entrou
Como um susto.
Eu fugi.

Havia em ti o desconhecido.
Havia em mim o medo.

Depois,
Sem que eu percebesse,
Trocamos de lugar.

Você passou a guardar a casa.
E eu,
O teu coração.

O tempo chegou com sua fome antiga.
Não levou de uma vez.
Foi roubando.

Primeiro, o vigor das corridas.
Depois, a pressa dos passos.
Por fim,
A luz silenciosa que acendia teus olhos.

Nos teus últimos dias,
Segurei tua pata
Como quem segura a própria vida pelas pontas.

Eu sabia.
O amor não salva.

Só permanece.

Então você partiu.

E a crueldade foi esta:

O teu último instante aconteceu longe

Das minhas mãos.

Desde então,

A casa continua inteira.

Mas o mundo, não.

Há um vazio deitado no lugar onde antes dormias.

Há um silêncio que aprendeu a respirar.

Há uma porta que insiste em esperar.

E há um coração

Que ainda te procura

Toda vez que escuta o impossível.

Porque os cães

Não morrem.

Transformam-se

Na parte da saudade

Que nunca aprende

A partir.



@veronicaarorafd5

Verônica Ferreira é pedagoga e atua na Educação Infantil, desenvolvendo um trabalho voltado à formação humana, à sensibilidade e à escuta. Possui formação complementar pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em Educação para o Patrimônio, Literatura Cearense, Literatura de Cordel e Agente Cultural.

Escritora cearense, participa de antologias e é autora dos contos **A Besta-Fera**, **A Mãe D'Água**, **A Menina do Beco Escuro** e **Procissão dos Condenados**. Também se dedica à escrita de microcontos, explorando temas como memória, cotidiano, questões sociais e o imaginário fantástico.

Em 2025, conquistou o 1º lugar na categoria Crônica e o 3º lugar na categoria Poesia no II Concurso Aurorense de Letras e Arte, além de receber Menção Honrosa no I Campeonato de Nanocontos, com o tema **Poder**, promovido pelo perfil @microcontistas.

Acredita na literatura como instrumento de sensibilização, reflexão e transformação, unindo educação, cultura e arte em sua trajetória.



Redações

A inclusão do art. 146-A no código penal brasileiro, pela Lei nº 14.811/2024, no rol de crimes contra a liberdade individual (mais precisamente nos delitos contra a liberdade pessoal), representa marco importante no enfrentamento da intimidação sistemática, conhecida como *bullying*.

O dispositivo legal tipifica a conduta de intimidar, de forma intencional e repetitiva, uma ou mais pessoas, sem motivação evidente, por meio de violência física ou psicológica, humilhação ou discriminação.

Trata-se de uma resposta legislativa à crescente preocupação social com práticas que, embora muitas vezes naturalizadas em ambientes escolares, profissionais ou virtuais, geram graves consequências emocionais, sociais e até físicas às vítimas.

O tipo penal exige três requisitos cumulativos para sua configuração: intencionalidade, reiteração e ausência de motivação evidente. A intencionalidade demonstra que o agente age com vontade consciente de causar sofrimento ou constrangimento.

A reiteração indica que não se trata de ato isolado, mas de prática sistemática e repetida. Já a ausência de motivação evidente reforça que não há justificativa plausível para a conduta, sendo ela gratuita e voltada à opressão da vítima.

Se faltar qualquer um desses elementos, não há tipificação penal, pois o legislador buscou delimitar claramente o alcance da norma. Além disso, o dispositivo contempla diversas formas de intimidação: verbal, moral, sexual, social, psicológica, física, material ou virtual.

Essa abrangência demonstra a preocupação em reconhecer que o *bullying* não se limita a agressões físicas, mas pode se manifestar em palavras, atitudes discriminatórias ou exclusões sociais.

A título de ilustração, situações como essas não são raras quando há desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, caso em que o sujeito ativo se aproveita de sua força física, posição social ou influência para subjugar o outro. Ressalte-se, por oportuno, que o tipo penal é bem mais amplo e não se limita a desequilíbrios de poder.

É importante também destacar que o preceito secundário do *caput* do art. 146-A evidencia um crime subsidiário, a funcionar como “rede de segurança”: só é aplicado se a conduta do infrator não configurar crime mais grave.

Por outro lado, o parágrafo único do art. 146-A trata especificamente da intimidação sistemática virtual (*cyberbullying*), reconhecendo o impacto das tecnologias de informação e comunicação na propagação de condutas abusivas por causa do multiplicador do universo digital.

Esse multiplicador diz respeito ao alcance ilimitado da rede mundial de computadores, à perpetuação do conteúdo divulgado e ao anonimato ou à dificuldade técnica na identificação do agressor.

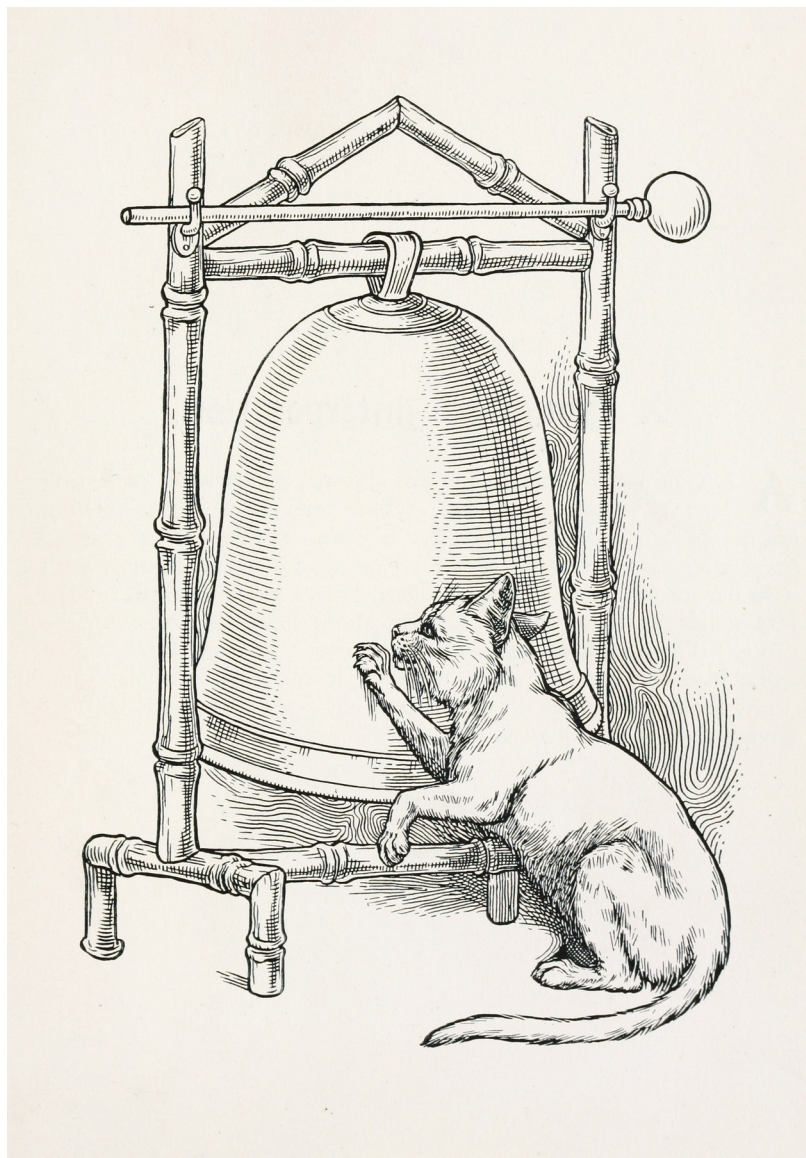
Nesse viés, na hipótese de *cyberbullying*, a pena é mais severa: reclusão de dois a quatro anos, além de multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

Adicione-se a possibilidade, em tese, de avença do acordo de não persecução penal já que a pena mínima cominada ao delito é inferior a quatro (4) anos, o que se encontra abrangido pelo limite estabelecido no art. 28-A do código de processo penal.

Paralelamente, comparando o *bullying* ao *cyberbullying*, vê-se que a diferença de tratamento se justifica pela potencialidade de alcance e pela permanência das agressões no ambiente digital, que podem ser replicadas e compartilhadas indefinidamente, ampliando o sofrimento da vítima.

A criminalização do *bullying* e do *cyberbullying*, por conseguinte, não tem apenas caráter punitivo, mas também pedagógico e preventivo. Busca-se conscientizar a sociedade de que essas práticas não são brincadeiras inofensivas, mas condutas lesivas e atentatórias à dignidade humana.

Ao estabelecer penas, o legislador transmite a mensagem de que o respeito mútuo e a convivência saudável são valores fundamentais. Diante do exposto, o artigo 146-A representa um avanço na proteção das vítimas e na promoção de ambientes mais seguros, sejam eles físicos ou virtuais, reafirmando o compromisso do Estado com a dignidade e a integridade pessoal.



Percy J. Billinghamurst

English, 1871-1933



Expediente

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 06 - 05 de julho de 2026

ISSN 3086-3961

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe
Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta
Janiara de Lima Medeiros

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Santos Mafra Medeiros
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Ilustrações
Percy J. Billinghamurst

Autor corporativo

Rosângela Trajano
Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

